



Os judeus e as palavras, um dueto

Jews and Words, a Duet

Saul Kirschbaum*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

saul.kirschbaum@gmail.com

Resumo: *Os judeus e as palavras*, do romancista Amós Oz e sua filha, a historiadora Fania Oz-Salzberger, apresenta características que chamam a atenção: a) não obstante o escritor ser dos mais prolíficos autores em hebraico, esse livro foi escrito em inglês; b) à parte de ampla obra ficcional, Oz já publicara cinco livros de ensaios, versando sobre a questão palestina, as dificuldades de relacionamento entre judeus e árabes, os obstáculos à construção da paz, os problemas entre diferentes grupos de judeus em Israel; este livro, que os autores denominam de “ensaio”, talvez seja mais bem referido como obra de divulgação; c) se Oz já publicara cerca de trinta livros, a sua filha, Fania, contava com apenas duas obras autorais; d) enfim, a experiência de coautoria proporcionou-lhes um relacionamento complexo, no qual se notam “resíduos de um diálogo”, mas também “conflito intergeracional, diferentes perspectivas de gênero, ou escaramuças sutis de ficção e não ficção”. Este artigo reflete sobre a obra em foco, enfatizando as questões suscitadas pela coautoria, vista como um dueto, vozes que em geral soam em uníssono, mas às vezes se dissociam e em outras ocasiões convergem. Essas desafinações transparecem em trechos como “A web, como a historiadora entre nós insiste em tentar persuadir o romancista entre nós, [...]”, ou “Durante muito tempo, a historiadora entre nós pensou que o romancista entre nós tinha inventado o truque de mudança de texto, este minúsculo *yod* subversivo”. Nesta abordagem, pensamos que os autores descrevem o povo judeu como uma espécie de orquestra, com diferentes vozes, diferentes timbres, diferentes afinações, e que não conta com um maestro. Também merece atenção o peso relativo da contribuição dos autores: a complexidade da partitura de cada voz e a eventualidade de uma voz abafar a outra. Na simultaneidade de diversos pares, pai-e-filha, escritor-e-historiadora, homem-e-mulher, que importância cada relação adquire face às outras.

Palavras-chave: Amós Oz. Fania Oz-Salzberger. Condição judaica.

* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



Abstract: *Jews and words*, by the novelist Amos Oz and his daughter, historian Fania Oz-Salzberger, presents features that call attention to: a) Although the writer is the most prolific author in Hebrew, this book was written in English; b) Apart from a large fictional work, Amos has already published five books of essays, dealing with the Palestinian question, the difficulties of relations between Jews and Arabs, obstacles to peacemaking, problems between different groups of Jews in Israel; this book, which the authors refer to as an “essay,” is perhaps best referred to as a work of dissemination; c) If Amos had already published about thirty books, Fania had only two copyrighted works; d) Finally, the experience of co-authorship has provided them with a complex relationship, in which can be found “some residues of a dialogue” but also “intergenerational conflict, differing gender perspectives, or the subtle skirmishes of fiction and non-fiction.” This paper reflects on the work in focus, emphasizing the issues raised by co-authorship, seen as a duet, two voices that usually sound in unison, but sometimes dissociate and at other times converge. These outbursts appear in passages such as “The Web, as the historian among us keeps trying to persuade the novelist among us, [...]” or “For a long time, the historian among us thought that the novelist among us had invented this text-turning trick, this subversive little *yod*.” In this approach, we think that the authors describe the Jewish people as a kind of orchestra, with different voices, different timbres, different tunings, and one which does not have a conductor.” Also worthy of attention is the relative weight of the authors’ contribution: the complexity of each voice’s score and the possibility of one voice stifling the other. In the simultaneity of several pairs, father-and-daughter, writer-and-historian, man-and-woman, what importance each relationship acquires *vis-à-vis* the others.

Keywords: Amos Oz. Fania Oz-Salzberger. Jewish Condition.

Você esqueceu a Revolução Francesa? Trata-se daquele grande evento histórico que realizou o milagre de fazer do povo judeu uma “comunidade religiosa”. A Revolução concedeu os direitos civis e os direitos humanos para os judeus e eles, da noite para o dia, deixaram de pertencer a uma nação antiga de quatro mil anos.

(Max Nordau)



Os judeus e as palavras tem uma história no mínimo singular. Em 2005, a Yale University Press anunciou o lançamento, com o apoio da Fundação Posen, de uma coleção de dimensões e propósitos enciclopédicos, *The Posen Library of Jewish Culture and Civilization*. A Fundação Posen, com sede em Israel, declara em seu site, a título de missão, “uma firme crença em que a educação pode facilitar e inspirar mudanças significativas na vida judaica e uma compreensão mais profunda da identidade judaica”.¹ A *Biblioteca Posen* foi projetada para abranger, em dez volumes, em ordem cronológica inversa, três mil anos de literatura, obras de arte e artefatos judaicos, apresentando o melhor da cultura judaica em seu todo histórico e global; o primeiro volume foi publicado em 2012, cobrindo o período 1973-2005. Para acompanhar o volume inaugural, a Fundação comissionou a Amós Oz e sua filha Fania Oz-Salzberger a escrita deste livro.

Disto já resulta um diferencial importante: não obstante o escritor ser um dos mais prolíficos autores de livros em hebraico em atividade – e, nesta condição, sempre forte candidato ao Prêmio Nobel de Literatura –, o livro foi escrito originalmente em inglês. A versão brasileira foi publicada em 2015 pela Companhia das Letras, em competente tradução de George Schlesinger, mas o aspecto de a obra ter sido comissionada, e o detalhe de seu idioma original já não ficaram tão claros (pelo menos para o leitor brasileiro), o que é relevante, pois não se percebe imediatamente que seu público-alvo é composto, em princípio, pelos judeus norte-americanos, aos quais se dirigem, preferencialmente, os volumes da *Biblioteca Posen*. Em outras palavras, a indicação “*A companion volume to the Posen Library of Jewish Culture and Civilization*” (que consta na ficha catalográfica da edição original) não foi preservada na tradução.

Com relação a Amós Oz, não se pode perder de vista sua intensa atuação política; partidário desde 1967 de uma solução de dois estados para o conflito com os palestinos, foi co-fundador do movimento pacifista *Paz Agora*,² na década de 1970, e na década de 1990 filiou-se ao partido *Meretz*,³ de cujas campanhas eleitorais

¹ Posen Foundation. Disponível em: <<http://www.posenfoundation.co.il/en/>>. Acesso em: 6 set. 2016. (Tradução nossa).

² Organização não governamental e grupo ativista israelense, dedicada a promover uma solução de dois estados para o conflito israelense-palestino, formado durante as conversações de paz israeli-egípcias de 1978 entre o Primeiro-Ministro israelense Menachem Begin e o Presidente egípcio Anwar Sadat, em um momento em que as conversações pareciam próximas de um colapso.

³ Partido político israelense de esquerda, social-democrata e sionista trabalhista. Secular, enfatiza uma solução de dois estados para o conflito israelense-palestino,



participa publicamente. Opondo-se à esquerda israelense não sionista, Oz sempre enfatiza sua identidade sionista, e é notório porta-voz da esquerda sionista, não obstante a perda de importância que esta vem sofrendo com o gradativo deslocamento do eleitorado para a direita e a consequente marginalização política de seus líderes.

À parte sua ampla obra ficcional,⁴ Amós Oz já publicara cinco livros de ensaios – bem como inúmeros artigos –, textos de intervenção política normalmente versando sobre a questão palestina, sobre as dificuldades de relacionamento entre judeus e árabes, os obstáculos à construção da paz e os problemas entre diferentes grupos de judeus em Israel, temas que sempre abordou com coragem, mediante a apresentação de propostas arrojadas.

Fania Oz-Salzberger, por sua vez, professora de história na Faculdade de Direito da Universidade de Haifa desde 1993 e diretora do *Posen Forum for Political Thought* desde 2003, é autora de muitos artigos sobre a história das ideias, o Iluminismo, as origens judaicas do moderno pensamento político e as relações entre Israel e a Europa. Recentemente, foi nomeada diretora do *Paidéia, o Instituto Europeu de Estudos Judaicos na Suécia*, com sede em Estocolmo, entidade laica criada em 2000 com fundos do governo sueco, dedicada ao renascimento da cultura judaica na Europa.

Esse livro, que os autores denominam de “ensaio”,⁵ talvez seja mais bem referido, em vista de sua proposta inicial e tom, em geral ameno, sempre perpassado de ironia, como obra de divulgação. Seu propósito, talvez, seja oferecer à comunidade judaica norte-americana uma resposta israelense à “crise de continuidade” que aquela vem vivenciando há algumas décadas: segundo Debra Cash, os jovens judeus norte-americanos, em sua maioria – especialmente aqueles das gerações Y e Z –, não estão se vinculando a sinagogas estabelecidas, estão casando com pessoas seguidoras de outras religiões e cores (para não mencionar do mesmo gênero), e têm adotado uma

lutando ainda por justiça social, direitos humanos (especialmente para minorias étnicas e minorias sexuais), liberdade religiosa e ambientalismo.

⁴ Que já lhe rendeu diversos prêmios importantes, como o *Prix Femina Étranger* (França, 1988), o *Frankfurt Peace Prize* (Alemanha, 1992), o *Israel Prize* (Israel, 1998), o *Prince of Asturias Award* (Espanha, 2007), o *Franz Kafka Prize* (República Tcheca, 2013), para citar apenas alguns.

⁵ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 9: “Este livro é um ensaio. É uma obra de não ficção, uma tentativa especulativa, crua e às vezes brincalhona de dizer algo um pouco novo sobre um tópico de imenso pedigree”.



perspectiva mais informal, digitalmente mediada, em suas práticas espirituais no mundo público.⁶

O argumento central da obra é que a identidade judaica não se articula em torno de uma crença religiosa, uma eleição divina, e também não sobre uma herança genética comum. O que unifica o judaísmo e permite sua perpetuação, na opinião dos autores, é a posse comum de uma coleção de textos, uma biblioteca; em última análise, palavras:

a história e a condição de povo dos judeus formam um continuum único, que não é étnico nem político. Que fique claro, a nossa história inclui linhagens étnicas e políticas, mas não são estas suas principais artérias. Em vez disso, a genealogia nacional e cultural dos judeus sempre dependeu da transmissão intergeracional de conteúdo verbal. Trata-se da fé, é claro, mas ainda mais efetivamente trata-se de textos. [...] Texto, questão, debate. Não sabemos quanto a Deus, mas a continuidade judaica sempre foi pavimentada com palavras.⁷

Essa tese tem sido objeto de críticas de todos os lados, na imprensa especializada judaico-americana. Para Adam Kirsch, por exemplo, “a aposta dos Oz na instrução como sustentáculo da continuidade judaica, na verdade é uma aposta no hebraico, ou, o que é o mesmo, no Estado de Israel”, pois “[a]s palavras que os judeus têm em comum sempre foram palavras hebraicas – na Torah, no Talmude, nos códigos legais e nos comentários”.⁸ Em defesa dos autores, lembremos que não só em hebraico se cria cultura judaica: parte importante da produção filosófica judaica na Idade Média – Maimônides, Iehudá Halevi, Saadia Gaon e tantos outros – foi escrita em árabe e somente mais tarde traduzida para o hebraico. Da mesma forma, a literatura de ficção composta em inglês – Saul Bellow, Philip Roth, Arthur Miller e outros – é relevante para a cultura judaica dos séculos XX e XXI.

Essa controvérsia foi elaborada em profundidade por Hana Wirth-Nesher em “Defining the Indefinable: What is Jewish Literature?”, introdução à obra organizada pela autora em 1994, *What is Jewish Literature?*, onde verifica “a impossibilidade de

⁶ CASH, 2012, p. 1. A autora parte da constatação de que “ao longo das últimas duas décadas, a comunidade judaica norte-americana despendeu muitas horas e muitos dólares lamentando, estudando e produzindo relatórios sobre sua ‘crise de continuidade’”.

⁷ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 9-10.

⁸ KIRSCH, 2013, p. 3.



chegar-se a uma definição universalmente aceitável sobre quem é judeu”.⁹ Segundo a autora, a questão suscitou um debate ativo desde o Iluminismo, quando cada aspecto da identidade judaica foi posto em questão, debate travado em hebraico, em ídiche e no idioma de cada país onde judeus tentaram distinguir uma tradição literária e cultural separada, que transcenda fronteiras linguísticas e nacionais.¹⁰

Outro crítico, Stefan Kanfer, em resenha publicada em março/abril de 2013 na *Moment Magazine*, sob o título “the lower-case jew”, assinala que

quando chega a hora de definir exatamente o que caracteriza a mente judaica, a tradição judaica – na verdade, o próprio judaísmo, o livro se depara com a falta de palavras. “Quem é judeu?”, eles perguntam. Resposta: “Quem quer que esteja às voltas com a questão “Quem é judeu?”. Isso é suficientemente engraçado para uma comédia sofisticada da Broadway, mas insuficiente para um auto-definido “ensaio sobre judaísmo”¹¹.

Não bastasse isso, na opinião de Kanfer o livro tem problemas maiores, o primeiro dos quais é

seu contínuo desprezo do elemento religioso no judaísmo. Uma fervente confiança em Jehovah, cuidadosamente grafado G-d e seguido pela frase “Abençoado seja ele” nos textos ortodoxos, perpassa a maioria dos escritos judaicos até e incluindo o século 20, mesmo depois do Holocausto (veja-se a longa estante de obras de Elie Wiesel que às vezes colocam Jehovah no banco dos réus mas nunca O rejeitam).¹²

Com relação à identidade biológica, os autores argumentam que “[a] nossa não é uma linhagem de sangue mas uma linhagem de texto. Há um sentido tangível no qual Abraão e Sara, Raban Yohanan, Glikl de Hamelin e os presentes autores pertencem todos à mesma árvore familiar”.¹³

Para enfatizar essas negações, os autores admitem que talvez eles mesmos sejam, em parte, descendentes de khazares (ou cazares) e cossacos, e, por isso, abstêm-se de trabalhar uma presumida continuidade genética, racial ou étnica, dos judeus. Segundo eles, a história dos judeus não necessita dessa hipótese, nem da orientação

⁹ WIRTH-NESHER, 1994, p. 3.

¹⁰ Tradução nossa.

¹¹ KANFER, 2013, p. 2.

¹² KANFER, 2013, p. 2.

¹³ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 15.



divina do destino judaico. “Nossa história não trata do papel de Deus, mas do papel das palavras. Deus é uma dessas palavras”, insistem.¹⁴

Nesse aspecto, os autores conseguiram ser bastante sutis. Mas, não bastassem os estupro cometidos por soldados romanos, por cruzados e por cossacos,¹⁵ a simples historicidade dos khazares é um obstáculo sério para qualquer teoria que sustente uma continuidade genética para o povo judeu.

Para refrescar a memória, muitos khazares, na primeira metade do século VIII, se converteram ao judaísmo. Nas palavras de Ben-Sasson, “[n]o começo da Idade Média a fé judaica ganhou aderentes adicionais quando muitos membros da classe governante do Reino Khazar [estabelecido] no estuário do Volga junto ao Mar Cáspio, liderados por seu rei, adotaram o judaísmo como sua religião”.¹⁶ Essa escolha, aparentemente, foi uma hábil manobra diplomática para resistir às pressões cristãs e muçulmanas que vinham sendo exercidas sobre os khazares no sentido de forçar uma aliança contra a outra parte.

A esse respeito, vale também a pena ler, de Arthur Koestler, *Os khazares: a 13ª tribo e as origens do judaísmo moderno*. Esse autor enfatiza que o Império Khazar “não poderia manter sua independência caso aceitasse o Cristianismo ou o Islã – pois a primeira escolha o subordinaria imediatamente à autoridade do imperador romano e a segunda, ao califa de Bagdá”.¹⁷

Em uma versão talvez contaminada por aspectos lendários, e lindamente descrita pelo grande poeta e rabino medieval Iehudá Haleví (1075-1141) em *O Cuzarí* (escrito entre 1130 e 1140, em árabe), a decisão a favor do judaísmo teria sido motivada pelo melhor desempenho do representante judeu em relação a seus adversários cristão e muçulmano, numa espécie de competição promovida pelo rei para a escolha da religião monoteísta mais adequada para o povo khazar. Naquele texto, Halevi

¹⁴ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 65.

¹⁵ Em 1648, uma revolta de cossacos, liderada por Bogdan Khmelnytsky contra o domínio da Polônia sobre a Ucrânia, acabou por privilegiar *pogroms* contra judeus, tidos como os piores massacres antes do Holocausto. As crônicas judaicas dizem que 100 mil foram mortos e 300 comunidades destruídas. Os números certamente são exagerados, mas as narrativas dos refugiados tiveram um profundo efeito emocional não apenas sobre os judeus poloneses, mas sobre as comunidades judaicas em toda a parte. (JOHNSON, 1988, p. 259-260.)

¹⁶ BEN-SASSON, 1976, p. 395.

¹⁷ KOESTLER, 2005, p. 63.



transcreve as perguntas que teriam sido feitas pelo rei ao rabino e as respostas deste.¹⁸

De uma forma ou de outra, o ponto é que os judeus descendentes de khazares, todos eles aceitos atualmente como *ashkenazis*,¹⁹ sequer são de origem semita. Uma interessante discussão das questões relacionadas pode ser encontrada no capítulo “Raça e mito” da obra de Koestler.²⁰

Acrescente-se: ao recusar tanto a herança genética quanto a eleição divina como fatores determinantes na preservação da continuidade judaica, os autores concluem que, então, só sobraram os textos, e passam longe dos possíveis efeitos, positivos ou negativos, das vicissitudes históricas a que o povo judeu foi submetido nos últimos três milênios. Analisando o pensamento do teórico sionista Max Nordau, Avineri enfatiza que até a Revolução Francesa os judeus tinham preservado sua identidade nacional a despeito dos tormentos e das perseguições. Paradoxalmente, o fim da identidade judaica teria sido justamente consequência da Emancipação liberal.²¹ Outro exemplo notório, entre tantos que poderiam ser elencados, é o papel da expulsão da Espanha (1492) entre as causas remotas, e o dos massacres de Khmelnytsky (1648) entre as causas próximas do episódio sabataísta (1664-1666), de tão amplas repercussões sobre a continuidade e a autoimagem judaicas.

Outro aspecto digno de nota é o da parceria que deu origem a *Os judeus e as palavras*. De um lado, Amós Oz já publicara cerca de trinta livros, sendo, sem dúvida, o escritor israelense mais lido do mundo, com obras traduzidas em mais de quarenta idiomas, mas Fania Oz-Salzberger contava, até então, com apenas duas obras autorais (desconsiderando os livros de que participou como organizadora): *Translating the Enlightenment*, de 1995, e *Israelis in Berlin*, de 2001.²² Há, portanto, um nítido desequilíbrio entre os coautores.

¹⁸ HALEVI, 2003, p. 51: “Lembrei-me, então, das ponderações do rabino ao rei dos cazáres, num diálogo havido quatrocentos anos atrás, no século XI [sic] da Era Comum, cuja decorrência foi a conversão do rei ao judaísmo.” *Cuzari* designa o rei dos cazáres.

¹⁹ Ashkenazim, asquenazes ou asquenazim é o nome dado aos judeus provenientes da Europa Central e Oriental. O termo deriva da expressão do hebraico medieval para a Alemanha, chamada *Ashkenaz*.

²⁰ KOESTLER, 2005, p. 195 ss.

²¹ AVINERI, 1982, p. 148.

²² Está previsto para dezembro de 2016 o lançamento de uma nova obra da autora, *Countering Injustice: Jewish and Western Perspectives from Isaiah to Modern Culture*.



Desequilíbrio que encontra sua manifestação imagética na própria capa do livro. Na leitura de Debra Cash,

[e]m um espantoso lapso de julgamento, a Yale University Press comercializou este livro com a imagem de duas poltronas de couro, das quais a maior tem um livro deixado aberto, abandonado, em seu braço. Esta, *Kinderlach*, é uma imagem de Papai Urso lendo para Bebê Urso. É, literalmente, paternalista.²³

Seja como for, como os próprios autores salientam, a experiência de coautoria proporcionou-lhes um relacionamento complexo, no qual se pode notar “resíduos de um diálogo”, mas também “um pouquinho de conflito intergeracional, diferentes perspectivas de gênero, ou escaramuças sutis de ficção e não ficção”.²⁴ Conflito que, segundo eles, estaria inscrito na própria tradição talmúdica, pois “[e]m espaços privilegiados – sinagoga, *yeshiva*, lar rabínico – textos eram estudados mediante disputas e competição de interpretações. Filhos talmúdicos, biológicos e metafóricos, desafiam constantemente seus pais”.²⁵ Também acharam importante legitimar o fato de se tratar de uma equipe pai-e-filha, e não pai-e-filho: “os presentes autores não são a primeira equipe pai-e-filha a tentar lidar com a conversa judaica intergeracional”.²⁶ Uma visão partilhada da história judaica é a justificativa dos autores para, além de tudo, escreverem como equipe de escritor-e-historiadora.²⁷

Utilizando uma metáfora musical,²⁸ a coautoria pode ser vista como um dueto, duas vozes que em geral soam em uníssono, bem harmonizadas, mas que nesta obra às vezes se dissociam e em outras ocasiões convergem. Essas dissociações ou desafinações transparecem em trechos como “[a] web, como a historiadora entre nós insiste em tentar persuadir o romancista entre nós,...”,²⁹ ou então, “[d]urante muito

²³ CASH, 2012, p. 4.

²⁴ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 201.

²⁵ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 49.

²⁶ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 51.

²⁷ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 66.

²⁸ Essa possibilidade é legitimada pelo próprio escritor. Em 31/10/2015, em entrevista a Juan Carlos Sanz para *El País*, a respeito de seu romance *Judas*, Amós Oz dizia que “essa obra é uma música de câmara, um quarteto de cordas com diferentes vozes”. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/29/cultura/1446136069_265985.html>. Acesso em: 28 set. 2016.

²⁹ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 13.



tempo, a historiadora entre nós pensou que o romancista entre nós tinha inventado o truque de mudança de texto, este minúsculo *yod* subversivo”.³⁰

Também aqui transparece o desequilíbrio entre os autores, na complexidade da “partitura” de cada uma das vozes, na eventualidade de uma voz abafar a outra, na precedência de uma das vozes, questões que se originam da coexistência simultânea de diversos pares, pai-e-filha, escritor-e-historiadora, e também, por que não?, homem-e-mulher. Por exemplo, enquanto Fania Oz-Salzberger é apresentada, pelos próprios autores, simplesmente como historiadora, Amós Oz, na mesma passagem, é escritor e “erudito literário”.³¹

Pois os pares característicos da tradição judaica não são simétricos, mas hierarquizados. Como assinalam os autores³², nos textos hebraicos antigos os pares “pais e filhos” têm a mesma relevância que os pares “professores e alunos” e são mais importantes do que os pares “mulher e homem”. Mas tanto a Bíblia quanto o Talmude “adoram enumerar cadeias de gerações, com origem no passado distante e apontando para o futuro longínquo”.³³ A existência de pares (em hebraico, *zugot*) em si, bem como a ideia de “dinastias”, seria legitimada por antiga tradição, no surgimento dos *tanaim* (na época das guerras de independência dos Macabeus).³⁴ Assim, a reflexão sobre o funcionamento dos pares na transmissão do judaísmo ilumina o próprio relacionamento entre os autores na elaboração de *Os judeus e as palavras*, confirmando sua expectativa, várias vezes reafirmada, de se “encaixar no enredo, ainda que como personagens secundários”.³⁵

De acordo com os autores, “[a] riqueza da diversidade cultural não exclui a presença de princípios unificadores. A religião é apenas um deles”.³⁶ Levando a abordagem musical adiante, e para finalizar, pode-se pensar que os autores descrevem o povo judeu como uma espécie de orquestra, com diferentes vozes, diferentes timbres, diferentes afinações, mas que não conta com um maestro. Nem tampouco, acrescento eu, com uma partitura única, unificadora, totalizante.

³⁰ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 73.

³¹ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 9.

³² OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 21.

³³ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 21.

³⁴ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 27. Tanaim ou Tanaítas é um termo usado para designar os sábios rabínicos cujas interpretações estão registradas na Mishná, entre os anos 30 e 200 E.C. O período dos Tanaim é também chamado de período mishnaico, sendo posterior aos Zugot e anterior aos Amoraim.

³⁵ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 201.

³⁶ OZ, OZ-SALZBERGER, 2015, p. 12.



Referências

AVINERI, Shlomo. Nordau: Les juifs et la crise de la civilization occidentale. In: _____. *Histoire de la Pensée Sioniste: les origines intellectuelles de l'État Juif*. Trad. do inglês Erwin Spatz. Paris: Éditions Jean-Claude Lattès, 1982. p. 143-156.

BEN-SASSON, H. H. The Middle Ages. In: _____. (Org.) *A History of the Jewish People*. Trad. George Weidenfeld. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997. p. 385-723.

CASH, Debra. Jews and Words: More Than Tongue Can Tell. *The Arts Fuse*, Boston, Dec. 12, 2012.

HALEVI, Iehudá. *O Cuzarí*. Trad. Paulo Rogério Rosenbaum. São Paulo: Editora Sêfer, 2003.

JOHNSON, Paul. *A History of the Jews*. New York: Harper Perennial, 1988.

KANFER, Stefan. The Lower-case Jew. *Moment Magazine*, Washington, March-April 2013.

KIRSCH, Adam. Are books all we have left? Yale's New Posen Library of Jewish Culture and Civilization and the Question of Where Jewishness Lies Today. *Tablet Magazine*, New York, January 31, 2013.

KOESTLER, Arthur. *Os khazares: a 13ª tribo e as origens do judaísmo moderno*. Trad. Fernando Klabin. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

OZ, Amos, OZ-SALZBERGER, Fania. *Jews and Words. A Companion Volume to the Posen Library of Jewish Culture and Civilization*. New Haven & London: Yale University Press, 2012.

OZ, Amos, OZ-SALZBERGER, Fania. *Os judeus e as palavras*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WIRTH-NESHER, Hana (Org.). *What is Jewish Literature*. Philadelphia: Jerusalem: The Jewish Publication Society, 5774/1994.



Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG
ISSN: 1982-3053

Recebido em: 13/03/2017.

Aprovado em: 15/04/2017.